

DE VODUM A CABOCLO: TRAJETÓRIA DE LEGBÁ NO TERREIRO DE TAMBOR DE MINA E TERCÔ

Luís Augusto Ferreira Saraiva¹

Resumo: O presente artigo traz como cenário de discussão as especificidades atreladas ao Vodum Legbá no Terreiro de Tambor de Mina com destaque para a Casa das Minas, a primeira casa de culto jeje no Maranhão, e suas semelhanças com o Caboclo Légua Boji Bua presente nos terreiros de Tercô da cidade de Codó no mesmo estado. Das narrativas presentes sobre a dinâmica dos terreiros de Tambor de Mina, Legbá não teria encontrado um lugar de culto e sua alternativa foi ter se transformado em uma entidade das matas. O seguinte trabalho consiste em duas partes: na primeira elaboramos um breve histórico da Casa das Minas e em seguida falamos da forte influência de outras entidades diferentes de Orixás e Voduns que são presentes no Tercô.

Palavra-Chave: Caboclo; Légua; Legbá; Tambor de Mina; Tercô; Vodum

“Até ali os tambores da Casa das Minas tinham seguido seus passos, ele via ainda os três tamboeiros, no canto esquerdo da varanda, rufando fortes seus instrumentos rituais, com o acompanhamento dos ogãs e das cabaças, enquanto a noçê Andreza Maria deixava cair o xale para os antebraços, recebendo Toi-Zamadone, o dono do lugar.” (Josué Montello)

O começo do Toque

Ao toque do ferro, da cabaça e dos tambores. Sons que ecoam na Rua São Pantaleão, localizada na cidade de São Luís, ali encontramos o Tambor de Mina, uma herança africana no Brasil. Religião que se originou no Maranhão nos meados do século XIX tendo como destaque a Casa das Minas que cultuavam especificamente os Voduns de origem Jeje e a Casa de Nagô onde se reverenciava Orixás, Voduns, Caboclos e Encantados, ao passo em que sua estrutura é fortemente evidenciada pela liderança de mulheres na organização do culto. Essa religião guarda elementos ancestrais como apresenta Flor do Nascimento: “[...] nas religiões brasileiras de matrizes africanas que, mais que religiões, são modos de vida orientados, em sua quase totalidade, por valores herdados das sociedades tradicionais africanas, que legaram suas compreensões do mundo.” (FLOR DO NASCIMENTO, 2015, p.65). E é sobre estas compreensões de mundo que a Casa das Minas estabeleceu modos vida estritamente particulares na

¹Mestrando em Metafísica pela Universidade de Brasília, orientado pelo Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento. Membro do Calundu – Grupo de Estudos Sobre Religiões Afro-Brasileiras. luisferrarafiles@gmail.com

dedicação e no cuidado com os Voduns. A Casa das Minas serviu de matriz para diversas outras casas de Tambor de Mina no Maranhão, muito embora não tenha filiado outra casa em seu fundamento. Ainda se tratando das diversas perspectivas de mundo que se desdobram em “Áfricas” e “Brasis”, é que a Casa das Minas, o Querebentã de Zomadônu, preservou durante toda época em que funcionou a memória, os segredos e os fundamentos das famílias do Abomé². Nesta saga de resistência é que consideramos o Tambor de Mina como um modo de vida e como uma forma de compreensão de mundo composta por epistemologias que fogem do eurocentrismo e que estabelecem primazias ontológicas, na qual a complexidade de saberes é extraída a partir de suas práticas ritualísticas. De tal aspecto, as *Vodunsi*, termo de origem *Fon* que designa toda aquela que recebe a força do Vodum, eram as responsáveis pela ordem do culto Jeje. Atualmente, a Casa das Minas não possui mais nenhuma Vodunsi em atividade, sua última sacerdotisa fora Dona Deni Prata Jardim, falecida em 2015, aos 89 anos, Dona Deni recebia o Vodum Lepon. Mas, o que podemos perceber é a prática do saber oral da tradição Jeje que é também encontrada em outras casas de Tambor de Mina no Maranhão, na medida em que a ancestralidade está presente no corpo, na música e principalmente na fala. É a transição do conhecimento por meio da oralidade, logo a categoria *ancestral* é o fio condutor entre o corpo, a memória e a palavra enquanto ação. “Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados” (HAMPÂTÉ BÁ, 2010, p.169), o mundo africano não se divide em projeções binárias, pois é dentro da fala que o ritual se faz presente, a oralidade significa a permanência do saber africano. Isto significa que no Tambor de Mina as relações mantidas com os ancestrais e com os espaços de temporalidade que vivenciam os terreiros são fruto de uma cosmologia filosófico-imagética das narrativas orais feitas por antigas sacerdotisas.

No cenário das religiões afro-brasileiras, o Tambor de Mina possui características específicas que se diferenciam dos Candomblés da Bahia, dos Batuques do Rio Grande do Sul, e da Umbanda do Rio de Janeiro. Em sua composição ritualística prevalecem as relações entre os Voduns Jeje e os Orixás Nagôs, onde estes últimos também são chamados de Voduns Nagôs, o que favoreceu a estreita relação entre a Casa das Minas e a Casa de Nagô (Nagon Abioton), como também a forte sincretização com

²“Em agosto de 1948, o fotógrafo francês Pierre Verger obteve de mãe Andressa, a máxima responsável pelo culto naquele momento, uma lista dos voduns venerados no Templo. Em dezembro do mesmo ano, em entrevista com Mivede, em Abomé, Verger confirmou que a maioria dos voduns das famílias reais de Davince e Savaluno, em São Luís, eram nomes de Ancestrais divinizados da família real do Abomé (PARÉS, 2016, p.248).

os santos da Igreja Católica, sem deixar de mencionar a presença indígena que abriga o Tambor de Mina. É ainda muito recorrente nos terreiros de Tambor de Mina a presença de manifestações culturais que estão atreladas aos desejos dos Voduns, como o Tambor de Crioula³ dedicado a Toy Averequete e o Bumba Boi⁴ dedicado ao Vodum Noché Naé; essas veias populares são influenciadas pela religião dos Voduns do Maranhão.

Assim, no decorrer deste texto faremos uma breve trajetória sobre a chegada de um Vodum bastante específico da Casa das Minas que não ganhou um culto organizado com os outros demais Voduns; falaremos do Vodum Legbá, o Exu dos iorubanos. E, ao mesmo tempo, apresentaremos suas semelhanças com a entidade de destaque que se apresenta nos terreiros de Terecô⁵: Légua Boji Buá. Sendo assim, abordaremos um questionamento inicial, a saber, se Legbá, por não ter ganhado nenhum culto específico na Casa das Minas, teria ido para outras localidades do interior do Maranhão e teria se transformando na entidade Légua. Seria Légua o Legbá esquecido no Querebentã? Este questionamento é por vezes respondido em forma de silêncio para os iniciados do culto. Nos terreiros de Mina pouco se costuma falar de Exu, entretanto todos sabem de sua existência.

A presença silenciosa no Querebentã

Das origens daomeanas, no Brasil, o Querebentã de Zomadônu registra o culto à memória dos antigos reinados do Daomé, que estaria estruturado, segundo Ferretti, em “três panteões principais – também chamados famílias ou pelotões -, a saber: o Davince, o de Dambirá e o de Quevioço, e de dois secundários: o de Savaluno e o de Aladá.” (FERRETTI, 2009, p.100). Essas famílias de Voduns, como aqui chamaremos, são semelhantes ao conceito de família encontrado em África como citado por Gbadegesin: “Os integrantes da unidade doméstica completa de várias famílias extensas e pertencentes a um antepassado comum habitam em um amplo recinto⁶” (GBADEGESIN, 2005. p.36). Isto nos faz compreender que, para a Casa das Minas, os Voduns pertencentes a cada família não necessariamente possuem laços de parentesco

³ Ver FERRETTI, S. 2002.

⁴Ver BORRALHO, T. 2015

⁵ “Terecô é a denominação dada à religião afro-brasileira tradicional de Codó [...]. É também conhecido por Encantaria de Barba Soêra (ou Santa Barbara Soeira), por Tambor da Mata, ou simplesmente Mata (possivelmente em alusão à sua origem rural)” (FERRETTI, 2012, p.296).

⁶ “Los integrantes de la unidad doméstica completa varias familias extensas emparentadas y pertenecientes a un antepasado común habitan en un amplio recinto.” (Texto Original)

unilateral, mas sim apresentam uma concepção de família mais estendida, que para além dos Voduns Jejes estariam também associados os Voduns Nagôs como integrantes da grande família que abriga a Casa das Minas. Essa extensão no conceito de família ainda é percebida na própria dinâmica das sacerdotisas que, por vezes, moravam no lugar, eram mães e esposas de tocadores como também eram mães, primas e filhas entre si. Neste sentido, levantamos a hipótese de que a Casa das Minas desde sua fundação funcionava como uma espécie de irmandade, tal como apresenta Reis:

“A irmandade representava um espaço de relativa autonomia negra, no qual seus membros __ em torno das festas, assembleias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua __ construíam identidades sociais significativas, no interior de um mundo às vezes sufocante e sempre incerto.” (REIS, 1992, p.4).

Concebemos, assim, a Casa das Minas como uma família ritual, uma espécie de irmandade religiosa autônoma e resistente, e toda sua organização e direção dos rituais festivos e fúnebres que lá aconteciam era realizada de maneira coletiva, sendo que todas as suas Vodunsis estavam comprometidas com a vida em comunidade. Ao ponto em que os Voduns não eram classificados como alheios a essa realidade, mas também faziam parte de uma mesma família; na sequência, falar de um Vodum é, às vezes, ao mesmo tempo, falar de sua devota. É importante ressaltar aqui que, durante todo seu funcionamento, a Casa das Minas não possuiu uma cosmogonia que narrasse a origem dos Voduns, cosmogonia esta muito presente nos Candomblés. Na Casa era comum, quando se tratava da lembrança histórica de um Vodum, tal narrativa estar atrelada à história de vida da Vodunsi que o carregava. Os Voduns, nesse sentido, também eram membros da própria irmandade. Posto isso, as famílias de Voduns se apresentam na tabela abaixo:

Famílias de Voduns da Casa das Minas⁷

Davince	Dambirá	Quevioço/ Alada	Savaluno
Nochê Naé	Acossi Sapatá	Nanã	Agongono
Arronoviçaná	Azili	Naité	Zacá
Nochê Naedona	Azonce	Vó Missã	Tôpa
Dadarrô	Lepon	Nochê Sobô	Jotim
Acoicinacaba	Poliboji	Ajautó de Aladá	Solenvive
Daco-Donú	Boruntói	Badé	Omacuibe
Nochê Sepazim	Alogue	Liça	-
Doçú	Bôça	Loco	-
Bedigá	Boçucó	Ajanutoe	-
Nochê Nanin	Eowa	Averequete	-
Zomadônu	Roeju	Abê	-
Daco	Aboju	Avrejó	-
Doçupe	Açoabeb	Whweobe	-
Nochê Decé	Sanievive	Agamavi	-
Nochê Acuevi	Ulolôbe	Assadolebe	-
Apojevó	Sandolebe		-
Toçá	-	-	-
Tocé	-	-	-
Jogoroboçu	-	-	-
Apoji	-	-	-
Agon	-	-	-
Revive	-	-	-
Afovive	-	-	-
Dagebe	-	-	-
Trotobe	-	-	-
Agodovi	-	-	-
Nanombeb	-	-	-

⁷FERRETI (2009) e BARRETO (1977).

Aqui, podemos perceber como se organizam as famílias de Voduns presentes na Casa das Minas, sendo as famílias do Davince e Dambirá de linha Jeje, e as famílias de Quevioço, Alada e Savalu de linha Nagô. Como apresentado acima não encontramos um lugar em que esteja situado o Vodum Legbá. Como esclarece Barreto: “não há nessas famílias que englobam todos os Voduns cultuados, nenhuma menção a Legbá que exerce importância no culto gege de origem.” (BARRETO, 1977, p.71). É peculiar pensarmos o que faz com que o culto a Legbá não estivesse presente na Casa nas Minas, tendo em vista este mesmo Vodum ser possuidor de um grau de extrema importância dentro dos cultos praticados no reino do antigo Daomé. Para isso, busquemos a compreensão do filósofo Aguessy sobre a presença de Legbá na dinâmica arquitetônica do Voduns do Antigo Reino já citado. Para Aguessy, Legbá seria a divindade que representaria a dupla fase de ações que estão para além do bem e do mal, seria ele o responsável por estar presente na criação e mantê-la. O anunciador da criação. Pelo visto, se tudo está criado, tudo tem uma parte de Legbá, e cada parte do todo também possui Legbá. Ainda, a presença de Legbá no Daomé, segundo Aguessy, ocupa um posicionamento complexo dentro da estrutura organizacional dos Voduns; seria ele o mensageiro dentre os Voduns e os seres humanamente criados:

[...] nenhuma comunicação pode existir entre o Criador e tal ou qual vodun sem sua intervenção. Cabe a ele assegurar a permanência das relações entre o Criador e os voduns, cada um deles gerindo um domínio particular. Isto significa que legbá assegura o controle e o domínio das vias de comunicações no mundo divino (AGUESSY, 1970, p.30).

Entretanto, este papel de comunicador, de o mensageiro que está atrelado a tal Vodum não se faz presente na Casa das Minas, esta função estaria diretamente relacionada aos toquéns, que são Voduns mais novos responsáveis por comunicar a línguas dos Voduns às suas filhas; sendo assim, para cada família de Vodun encontrada na Casa das Minas há seus toquéns. Tais como Averequete e como os gêmeos Toca e Tocé, que seriam os responsáveis pela devida comunicação. Entretanto, que fato teria ocorrido na Casa das Minas para que Legbá tenha sua presença silenciada? Segundo informações levantadas por Ferretti:

“As filhas dizem que Legba significa guerra e confusão e que Zomadônu não o quis lá, pois as fundadoras já vieram da África sacrificadas. Por isso, Legba não vem a casa das minas e não é mensageiro dos Voduns. Dizem que os mensageiros da Casa são os Toquéns. Quem abre as portas é Zomadônu e quem abrem o culto são os Toquéns, chefiados por Nagono Toçá. Dona Deni diz que Legba toma todas as formas, de anjo, de cachorro, de porco, de gato

etc. Ele não tem chifres e foi criado como um anjo. É um anjo mau. Deus lhe deu poderes para administrar o universo. Ele se envaideceu e se considerou melhor que Deus. Quem o adora “não vai para lugar nenhum”. Ele tem a aparência de uma pessoa boa e nobre, mas não é. Na Casa das Minas seu culto é proibido, pois Legba equivale a satanás. [...] o rei do Daomé, Adandozã. Em 1804, em correspondência a Dom João de Portugal, afirmava que Legba era seu grande deus. Se, de fato, membros da família real do Abomey foram vendidos como escravos por Adandozã (Verger, 1952), e se alguns desses membros fundaram a Casa das Minas, compreende-se que fosse proibido na Casa o Culto de Legba, que era um grande deus para o Rei Adandozã”(FERRETTI, P.124-125).

Legbá, então, aquele que detém o poder da comunicação entre os Voduns, estaria silenciado na Casa das Minas, com seu nome quase que impronunciável; assim Legbá não falaria e sua função como citado acima foi destinada aos Toquéns. Na memória viva da Casa das Minas, Legbá era o deus do rei Adanzan⁸, estaria atrelado ao caos, à confusão, mas ao mesmo tempo também estaria relacionado à harmonia, pois a não menção de seu nome faria com que tudo ocorresse bem dentro do Querebentã. Outro detalhe que podemos perceber nos estudos feitos por Ferretti é que, ao este colher informações de Dona Deni sobre Legbá, a mesma afirma que ele estava próximo a Deus, próximo à criação. E que também teria o poder de se transformar e aparecer na forma de animais. Assim, podemos inferir que Legbá, mesmo diante dos fatos históricos, estaria sim presente na Casa das Minas, mas a não menção de seu nome confirmaria o seu silenciamento com o intuito de não reviver a travessia forçada do Daomé ao Maranhão.

Sendo assim, não podemos negar a existência de Legbá na Casa das Minas; o fato é que há um silêncio, espécie de mistério sobre sua presença durante os toques de tambor, como também este próprio Vodum não era recebido por nenhuma Vodunsi. Do mesmo modo, não se sabe ao certo se eram feitos procedimentos específicos em seu nome dentro do comé⁹, mas este Vodum teria uma função misteriosa na Casa das Minas, o que sustentaria outra fase da cosmogonia do Tambor de Mina do Maranhão, a

⁸“Adanzan deveria ser o rei de Daomé; no entanto, seu caráter sanguinário faz com que seu pai, Agonglo, consulte *Fa* para saber se algum outro de seus filhos não dirigiria melhor o país. *Fa* designa Ghezo, ainda uma criança. Agonglo decide apresentar Ghezo como seu sucessor e confiá-lo a Adanzan, visto que seu fim estava próximo. Adanzan permaneceu no poder, como regente, durante 22 anos e Ghezo teve de lhe tomar o trono a força. Durante o período de regência, Adanzan, que era filho de uma outra mulher de Agonglo, não hesitou em vender a mãe de Ghezo e uma parte de sua família aos mercadores de escravos. Quando Ghezo, depois de assumir o trono tenta reencontrar sua mãe, a rainha Agotimé, encarrega dessa missão Dossu Yevo, por suas qualidades de fidelidade e ainda por conhecer a língua portuguesa, Migan Atindebacu o acompanhará. Ghezo, antes da partida, estabelece com eles um pacto, tornando-os seus irmãos, portanto filhos da rainha que eles deviam procurar” (BARRETO,1977.p.56).

⁹Nome do quarto secreto da Casa das Minas onde se alimentavam os Voduns, possivelmente uma corruptela de Damoé.

sua abertura para a Encantaria¹⁰, onde muitas entidades, que também são chamadas de invisíveis, apresentam-se em formas de animais. Aqui, talvez nas entrelinhas do poder de transformação, de ser o conhecedor dos princípios da criação e de deter a língua dos Voduns, é que Legbá teria encontrado na Mata sua forma de reinar.

A fuga para a Mata

Como citou Jorge Amado em seu livro *Terras do Sem Fim*, a mata é o passado do mundo, o princípio do mundo (AMADO, 1971, p.49). A mata pode ser entendida enquanto um ente, uma força na qual se entrecruzam diversos seres; um mundo que em si é a própria divindade. Há na mata os segredos da cura e os saberes da morte, o lugar em que primeiro pisou o antepassado, o lugar de onde vem a água que alimenta os Voduns e de onde se extrai as suas folhas; onde se abrigam o medo e a segurança, por vezes parece sustentar o céu. É lá que caminhos são abertos, e quando perdidos estamos, ali nos achamos em trilhas.

E foi justamente dentro da mata, especificamente dentro do interior do Maranhão, na cidade de Codó, que o toque acelerado dos tambores, tocado por diversas etnias negras presentes no Maranhão (dentre elas estavam os jejes, cambindas e nagôs) dali teria originado o Terecô, ou Tambor da Mata como também é conhecido. Segundo Centriny, este termo teria se constituído devido aos primeiros toques de Terecô serem feitos dentro da mata fechada (CENTRINY, 2015, p.31). A mata neste caso teria sido um lugar de agregamento dos diferentes grupos étnicos negros recém-chegados do continente africano. E nesta confusão de línguas é que a figura de Légua Boji Buá teria surgido, e com grande reverência a esta entidade. Légua é um dos fundamentos centrais na religião do Terecô. Mas, falar de Tambor de Mina é também mencionar o Tambor de Mata devido às suas proximidades, tendo em vista a presença de uma grande parcela de Voduns jeje a ser também cultuada nos terreiros de Terecô. Outra proximidade bastante relevante é que muitas das Vodunsis da Casa das Minas eram originárias da cidade de Codó, e isto reflete o fato de que muitos ensinamentos estiveram sempre em transição.

¹⁰ “Assim, quando falamos em “encantaria maranhense” não estamos nos referindo a voduns e orixás, divindades africanas amplamente conhecidas. Estamos nos referindo a outras entidades espirituais recebidas no Maranhão em terreiros fundado por africanos ou por seus descendentes: nobres europeus associados a orixás e/ ou a santos católicos (como Dom Luís, Rei de França), entidades caboclas de origem nobre (como Rei da Turquia e Antônio Luís, o “Corre Beirada”) ou representante de camadas populares e indígenas (como o controvertido Légua Bogi e Caboclo Velho) e também a seres não inteiramente humanos (como as mães d’água, os Surrupiras [...]). (FERRETTI, 2003.p.120)

Ainda, no Terecô há a predominância maior de Caboclos, Encantados e Boiadeiros do que a presença de Voduns, os quais juntos compõem toda a liturgia dos tambores de Codó, sendo o comando dessas energias destinado ao Caboclo Légua.

Assim como no Tambor de Mina, o Terecô também possui suas entidades organizadas em famílias, fato este aprendido com a aproximação da Casa das Minas, ao mesmo tempo em que os terecozeiros também tratavam suas entidades (caboclos, boiadeiros e encantados) como membros de suas próprias famílias de sangue. Dentre estes membros de famílias espirituais, Légua Boji Buá é um dos mais importantes dentro do Terecô, tendo seu aspecto de brincalhão, de bagunceiro, e sendo aquele que também ajuda aos seus filhos. Segundo Mundicarmo Ferretti:

“No Terecô de Codó, a entidade espiritual que chefia a “linha da mata” – Légua Boji Buá da Triandade – é apresentada por muitos como tendo “uma banda branca e outra preta”, um lado para o bem e outro para o mal. Essa característica, associada a seu caráter vingativo, brincalhão e irreverente e ao seu gosto por bebida alcoólica, tem levado a sua identificação com Légba, entidade africana que, como Exu foi encarada no passado por missionários católicos, como o demônio e que continuava sendo na Casa das Minas (jeje) como demoníaca.” (FERRETTI, 2012.p.303)

A colocação da professora Mundicarmo nos faz refletir sobre as semelhanças entre o Caboclo Légua Boji Bua e o Vodum Legbá, fazendo surgir a hipótese que Legbá teria se embrenhado nas matas de Codó e se camuflado em uma espécie de “Vodum da Mata”, conhecedor de todas as trilhas. Ainda, Légua assemelha-se a Legbá por ser definido com aquele que conhece sempre os dois lados; sua semelhança ainda é muito peculiar quando estiver atrelado à festa, ao divertimento. Légua enquanto um caboclo pode se transformar, se esconder e aparecer, tendo o domínio dos segredos dos entes que habitam nas matas. Légua pode ser entendido como o próprio caminho da mata que abriu espaço para outras entidades se fazerem presentes no Terecô; com ele também aparecem outros Voduns que também eram cultuados na Casa das Minas e de Nagô, tais como Averequete, Sobô e Ewa. Assim, Légua é o comunicador dos olhos e das vozes da mata, em grande parte de suas doutrinas, Légua tem o domínio dos elementos da natureza e dos animais.

Em cima daquela serra¹¹
Eu vi o mar relampejar
Em cima daquela serra
Eu vi o mar relampejar
Era o sinal do meu pai
Légua Boji bua!
Era o sinal do meu pai
Légua Boji Bua!

Légua pode ainda ser entendido como o caboclo de intermédio entre os seres humanos, a natureza e as outras entidades que preenchem o Terecô, sendo a Mata a morada natural dos seres. Assim, Legbá teria fugido para a Mata e teria constituído sua própria família. Aqui, no Terecô, as entidades também fazem parte da família de seus iniciados, tal como no Tambor de Mina. Isto nos faz crer em uma ausência de princípios cartesianos que está presente nas religiões afro-brasileiras de um modo geral, as divindades vivem com os humanos, que fazem parte de um único mundo. O caboclo não necessita de uma ordem estabelecida, desta forma recorreremos novamente a Aguessy quando se trata do Vodum Legbá:

“Legbá que não conhece nenhuma restrição e não receia nenhum tabu, se é verdade que não respeita nenhuma ordem estabelecida, não põe, entretanto, em dúvida a exigência da ordem como tal. Ele a submete apenas às necessidades da mobilidade e da manipulação. Graças a ele toda obra concluída é sempre reiniciada e retrabalhada” (AGUESSY, 1970.p.32).

Esta semelhança entre o Caboclo Légua Boji Bua e o Vodum Legbá se torna ainda mais evidente ao ponto de aceitarmos que o Légua também se recusa a aceitar qualquer ordem, tendo em vista o seu próprio modo de atuação. Esta entidade das matas possui uma dinâmica de controle tanto sobre o caos quanto a harmonia, na perspectiva em que Légua possui vários nomes, se apresenta em várias formas, está em vários lugares, não há em Légua uma unidade particular que o impeça de ser o que quer ser, ele é aquele que se alimenta do que lhe entregam na Mata. Assim, este Caboclo, originário (?) de um Vodum possui uma esfera metafísica que nos aproxima da ancestralidade ligada à Mata; neste ponto inferimos que tanto os terecozeiros quanto os

¹¹Doutrina fortemente cantada nos terreiros de Terecô.

mineiros¹² fazem parte da Mata, assim como a Mata faz parte deles. Légua é a festa, a pura brincadeira, tal como apresenta Centriny:

A figura de mais controvertida do Terecô, pois dizem que não existe terecô sem Légua; nem Légua sem Terecô. Dono de uma família numerosa, geralmente não se faz referência às mães de seus inúmeros filhos porque eles geralmente não são filhos da mesma mãe, ficando assim impressas e destacadas apenas as características gerais do próprio Légua. Costuma-se cantar: *A família de Légua tá toda na eira, bebendo cachaça e falando besteira*. Entidade carismática e de comportamento extravagante, beberrão e farrista costuma aparecer no Terecô desestruturando todo o andamento do terreiro, o qual ele não dirige ou não é assentado. Esbraveja, cospe no chão e chama muito “palavrões”, pois geralmente quase não tem tempo para dançar porque o assédio é muito grande em busca de suas consultas e seus feitiços. [...] Ficando difícil traçar um perfil completo sobre sua existência. Desconfia-se de que ele faz questão de não esclarecer essas posturas contraditórias; diverte-se bastante diante dessa situação toda. É um coringa dentro do Terecô, pois, apesar dessa falta de responsabilidades aparentes, ele exerce todas as funções dentro de um terreiro, principalmente a de chefia, inclusive nos terreiros de Terecô; onde ele tem assentamento ele é quem faz todos os rituais, inclusive do “tambor de choro”. (CENTRINY, 2015.p.238-239)

Légua está presente em tudo. Légua é tudo, é o Caboclo que comanda a Mata, sobre a descrição acima feita por Cicero Centriny, demonstra a faceta de divertimento que Légua possui, ele se depara com o espaço do contraditório. Légua é ao mesmo tempo a expressão do medo e da coragem. Dessa forma, talvez, por Legbá não ter encontrado um culto específico dentro da Casa das Minas, o mesmo teria fugido e se transformado na figura de Légua e feito da própria Mata sua moradia.

Desta forma, as semelhanças entre Légua e Legbá só tendem a crescer. Por meio de aparições tanto nos terreiros de Terecô, quanto nos terreiros de Tambor de Mina (exceção da Casa das Minas), estas duas entidades, que por vezes aparecem apenas em uma parcela da multiplicidade das narrativas encontradas nos terreiros, têm a capacidade de narrar aquilo que querem narrar, e não aquilo que se é pedido.

O conhecimento da Mata nos revela outra característica importante das relações entre o tambor de Mina e o Terecô: tanto o Caboclo Légua Boji Bua, e o Vodum Legbá, aparentemente esquecido, são forças responsáveis pela aproximação entre estas duas religiões, na qual também aproximam ancestralidades quase que equidistantes, a indígena e a africana. Isto nos revela um conceito ainda em construção que se trata de uma *cosmoencantaria* pensada a partir da experiência dentro dos rituais do Terecô e do Tambor de Mina, em que seus iniciados costumam falar de “Encruzamento”, entrecruzando saberes africanos e saberes desta terra que já estava habitada.

¹²Expressão usada para designar os iniciados no Tambor de Mina.

Considerações finais, mas não guardando os Tambores

O Vodum Legbá e Caboclo Légua, embora distintos, são estritamente parecidos em suas ações, e na base de seus comportamentos. As contradições entre os pesquisadores são inúmeras para saber se o Caboclo Légua da mata realmente é Legbá, o que faz necessário que, dentro dos novos estudos sobre religiões afro-brasileiras, tenha-se um olhar mais apurado sobre as práticas que são exercidas nos eixos já conhecidos - tendo em vista que os nomes como Tambor de Mina e Terecô ainda são pouco comentados.

Na perspectiva de traçar uma trajetória sobre o Vodum Legbá e seu desdobramento na espécie de “Vodum das Matas”, vimos um breve histórico conceptual sobre a Casa das Minas que serviu como modelo para várias outras casas de Tambor de Mina, e sobre as proximidades entre as Vodunsis com a cidade de Codó. A Casa das Minas preservou a memória viva das antigas famílias do Daomé, os Voduns podem estar atrelados como elementos da natureza, ou como ancestrais divinizados. Muito embora não se possa mais hoje ter acesso às vozes que preencheram o Querebentã de Zomandônu, a não ser pelas etnografias e pesquisas que já foram desenvolvidas, temos, agora, o recuso da busca pela memória que é viva, investigada através das entrelinhas das narrativas deixas por aquelas Vodunsis. Seria, atualmente, este o dever de Legbá?

A presença e ao mesmo tempo a ausência de Legbá na Casa das Minas, fora mantida em segredo, a hipótese que levantamos é a sua transmutação em uma entidade da Mata. Isso nos esclarece a forte relação do Tambor de Mina com as entidades que aqui já eram cultuadas antes mesmo da chegada de povos africanos, na intenção de esclarecer que a terra aqui na chegada já era preenchida por entidades, e estas se encontraram com outras e isto deu origem a uma memória estritamente complexa e de difícil alcance. Outra característica que identificamos em nossa análise é a dimensão do segredo e da fala, o não falar é ao mesmo tempo deixar-se falar pelos olhares, e principalmente pelo toque do tambor.

Assim, propomos que novas trajetórias sejam feitas não mais a partir dos olhos, mas com os ouvidos e pela pele, sentidos atentos aos detalhes que apresentam as religiões afro-brasileiras. Nesta ideia investigativa, Légua pode ser sim o Legbá

esquecido do Querebentã, mas assumindo outra forma de mensageiro das entidades, forças e energias dessas terras, ele apenas as reconheceu e as colocou dentro do Tambor de Mina e do Terecô.

Referências

AGUESSY, Honorat. *Legbá e a dinâmica do panteão vodun no daomé*. In: *Revista Afro-Ásia*. ISSN: 191941-1411 N^a 10-11. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/issue/view/1443/showToc>

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo: Editora Martins, 1971.

BARRETO, Maria Amália Pereira. *Os voduns do Maranhão*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1977.

BORRALHO, Tácito Freire. *Elementos Animados do Bumba-meu-boi do Maranhão*. São Luís: Editora UEMA, 2015.

CENTRINY, Cícero. *Terecô de Codó: uma religião a ser descoberta*. São Luís: Zona V Fotografias, 2015.

FERRETTI, Mundicarmo. *Encantaria maranhense: um encontro do negro, do índio e do branco na cultura popular afro-brasileira*. In: NUNES, Izaurinda de Azevedo (Org.). *Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão*. São Luís: Comissão maranhense de folclore, 2003.

_____, Mundicarmo. *Religiões Afro-brasileiras terecô, tambor da Mata e Encantaria de barba Soiera*. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; FERRETTI, Sérgio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araújo (Orgs.). *Missa, culto e tambor: os espaços da religião no Brasil*. São Luís: EDUFMA/FAPEMA, 2012.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Tambor de Crioula e espetáculo*. São Luís: Comissão Maranhense de folclore, 2002.

_____, Sérgio. *Querebentã de Zomadônu: etnologia da Casa das Minas do Maranhão*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. *Alimentação socializante: Notas acerca da experiência do pensamento tradicional africano*. In: *Revista Das Questões*, 2015, p. 62 a 74.

GBADEGESIN, Segun. *Filosofia yoruba: individualidade, comunidad y el orden moral*. In: EZE, Emmanuel Chukwudi (Org.). *Pensamiento africano*. Vol. 10. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2002.

HAMPATÉ Bâ, AMADOU. *A TRADIÇÃO Viva*. In: Ki-Zerbo, Joseph. *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-2012.

MONTELLO, Josué. *Os Tambores de São Luís*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

PARÉS, Luís Nicolau. *O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga costa dos escravos na África ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

REIS, José. *Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão*. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33. Disponível em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-1.pdf.